



Caminhada na ponte
Estudantes que saíram da Ufes atravessaram a Ponte da Passagem para encontrar colegas do Ifes
FOTO: Fernando Madeira

| BLOQUEIO DE VERBA |

PROTESTO CONTRA CORTE NA EDUCAÇÃO EM 25 ESTADOS

Foi o segundo ato contra o governo em 15 dias, inclusive em Vitória

Estudantes e professores do país foram às ruas ontem, pela segunda vez em 15 dias, em atos principalmente contra o corte de verbas na educação pelo governo federal. O movimento aconteceu em 136 cidades em 25 Estados e no Distrito Federal, incluindo o Espírito Santo.

Enquanto a população ia às ruas, o Ministério da Educação incentivou denúncias contra quem divulga e estimula protestos nas escolas. A medida foi criticada e vista como intimidação (veja mais na página 5).

Em Vitória, as manifestações reuniram 4,5 mil, de acordo com a Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp). O número foi menor do que o registrado no dia 15 de maio, quando o evento contou com 7,5 mil participantes.

Um grupo de estudantes e professores se reuniu na praça do bairro Jucutuquara, próximo ao Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), enquanto o outro concentrou-se na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os dois grupos caminharam pelas principais vias de Vitória e se encontraram na Avenida César Hilal, em frente à sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu). As caminhadas foram marcadas por manifestações pacíficas, onde os participantes usaram cartazes com frases contra os cortes na educação e, também, contra a reforma da Previdência (veja mais na página 4).

OUTROS ESTADOS

Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Brasília, Teresina, Fortaleza, Maranhão, Curitiba e Porto Alegre foram algumas das regiões que tiveram praças e avenidas tomadas

por cartazes que pediam o não bloqueio dos recursos.

Em Brasília, os manifestantes começaram a se reunir por volta das 10h na praça do Museu Nacional da República. Além da pauta da educação, eles protestaram contra a reforma da Previdência. A Esplanada dos Ministérios chegou a ficar bloqueada por volta de 12h15, enquanto os manifestantes caminhavam no sentido Praça dos Três Poderes. No trajeto, houve um princípio de tumulto entre policiais militares e manifestantes. A corporação usou spray de pimenta contra o grupo, e um homem foi detido.

Na capital paulista, a concentração dos manifestantes começou às 17h no Largo da Batata, em Pinheiros, na Zona Oeste de São Paulo. A multidão seguiu em passeata pela Avenida Rebouças em direção à Avenida Paulista.

Já no Rio de Janeiro, os mani-

festantes se reuniram às 15h, em frente a Igreja da Candelária. Além disso, a avenida Presidente Vargas foi interditada por manifestantes. Até o fechamento desta edição, não havia número fechado de participantes pelas polícias militares em Brasília, Rio e São Paulo.

CORTES

O governo federal contingenciou R\$ 5,8 bilhões da educação. Os cortes do MEC atingem tanto o ensino básico quanto as uni-

versidades e institutos federais.

A Ufes já está sob o impacto do bloqueio da verba de custeio da instituição promovido pelo MEC, da ordem de R\$ 33,2 milhões. Considerando todas as universidades do país, o total de corte foi de R\$ 1,7 bilhão, o que representa cerca de 24,84% dos gastos não obrigatórios e 3,43% do orçamento total das federais. Essas despesas incluem contas de luz, água, pesquisas e compras de materiais básicos. Já as verbas obrigatórias (96,17%), que incluem salários e aposentadorias, não foram afetadas. Para sindicatos e movimentos estudantis, os cortes podem paralisar as universidades.

No último domingo, para rebater protestos contrários, aconteceram atos em todo o país a favor do governo de Jair Bolsonaro. Em Vitória, foram reunidas mais de 35 mil pessoas.

136

cidades

É o número de municípios no país que tiveram manifestações ontem contra corte de verbas na educação feito pelo governo Bolsonaro.

| BLOQUEIO DE VERBA |

ESTUDANTES E PROFESSORES NAS RUAS DE VITÓRIA

Protesto da Capital reuniu 4,5 mil pessoas

BEATRIZ MARCARINI
beatriz.marcarini@redgazeta.com.br

Estudantes e professores da Universidade do Espírito Santo (Ufes) e do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) se reuniram em Vitória para protestar contra os cortes da educação pela segunda vez. Pais e sindicalistas também participaram. Como foi feito no dia 15 de maio, eles se reuniram em dois grupos que saíram de pontos diferentes da Capital. Além do bloqueio de verbas para a educação do governo federal, também havia manifestações contra a reforma da Previdência.

A estimativa da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp) foi de que a manifestação em Vitória reuniu 4,5 mil pessoas.

No Estado, também foram registrados protestos em Itapina, em Colatina, e em Santa Teresa, onde alunos das unidades dos Ifes locais foram às ruas.

CAMINHADA

Na Capital, os manifestantes começaram a concentração a partir das 16h30 na Ufes e na praça de Jucutuquara, que fica próxima ao Ifes. Nos dois pontos, apesar da presença de sindi-



Manifestantes reunidos em frente à Sedu, após os dois grupos se encontrarem

calistas, ativistas e professores das redes municipais, a maioria eram alunos e professores do instituto e da universidade.

Os dois grupos saíram em caminhada às 18h tendo a Secretaria de Estado de Educação (Sedu) como destino.

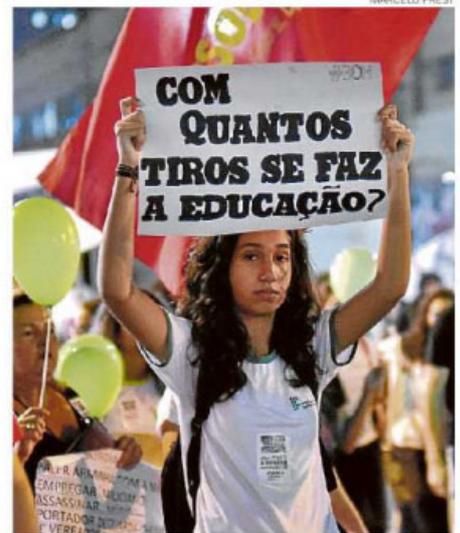
Saindo dos dois pontos, manifestantes entoavam gritos contra o governo federal e o presidente Jair Bolsonaro. Nas janelas, pessoas balançavam bandeiras em apoio e, nas ruas, carros buzinaavam e muitos batiam palma como incentivo.

Muitos manifestantes carregavam cartazes com frases em defesa da educação, alguns até fazendo críticas em paralelo com os recentes decretos presidenciais que facilitaram a compra de armas. "Em mãos que carregam livros não cabem armas", dizia um deles.

Também houve quem lembrou de Paulo Freire, patrono da educação brasileira e figura muito criticada pelo governo Bolsonaro. A estudante do Ifes Ana Clara Gomes colou o nome do educador na camisa. "Não tem co-

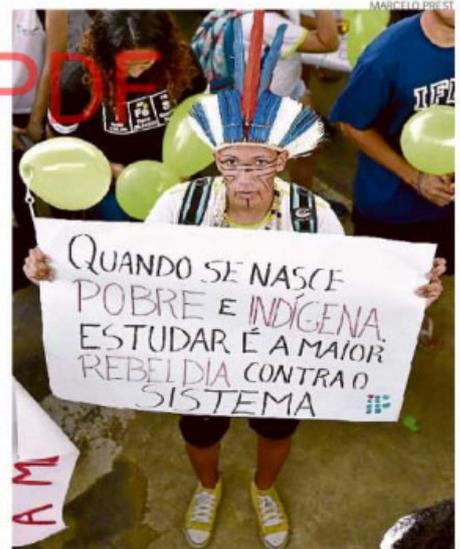
mo falar de educação sem falar de Paulo Freire. E sendo ele uma figura que tanto incomoda o governo, então ele tem que ser lembrado", afirmou a estudante.

Por volta das 20h, os manifestantes se encontraram em frente à Sedu. Pouco depois, o grupo dispersou. Os protestos fecharam as principais avenidas da Capital. Por volta das 19h, a Avenida Vitória ficou fechada no sentido Serra. Já a Retta da Penha também ficou interditada para quem tentava seguir para a Terceira Ponte.



Contra as armas

Estudante levou cartaz a favor da educação e com crítica aos decretos presidenciais que facilitaram o porte e a posse de armas para a população.



Indignação

Descendente indígena e aluno do Ifes, Diwarian Pego diz que está indignado com o corte de verbas para a educação. Ele acredita na educação pública para todos.



Concentração

Na Ufes, os manifestantes se encontraram no entorno do Teatro Universitário. Na linha de frente, a mensagem: "A universidade resiste".



Previdência

As professoras Ana Lúcia e Andréa Soneghete protestavam contra os cortes na educação e a reforma da Previdência.



A favor da federal

Ex-aluna do Ifes e da Ufes, Lúcia Freire se preocupa com o contingenciamento. "Quero que outras gerações tenham oportunidade de estudar nesses locais."

| BLOQUEIO DE VERBA |

CORTES

FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR

► Despesas obrigatórias

Elas não podem ser cortadas e representam, em média, 80% do destino da verba das universidades (salários, aposentadorias, pagamento de dívidas). O pagamento de funcionários aposentados e inativos é responsabilidade das universidades, e não do INSS. As universidades públicas, assim como todas as autarquias federais, seguem regime jurídico único dos servidores públicos. As normas que regulamentam os regimes próprios estão na Constituição e na lei 9.717/98.

► Despesas discricionárias

As despesas não obrigatórias, também chamadas de discricionárias, podem sofrer corte. Correspondem, em média, a 20% da verba (água, luz, telefone, serviços de limpeza, segurança e manutenção, material de trabalho, investimentos em obras).

BLOQUEIO

► Corte total

O bloqueio total de despesas do MEC anunciado para toda a pasta é de R\$ 5,8 bilhões.

► Corte nos institutos federais e nas universidades

No total, considerando todas as universidades e institutos federais, o corte é de R\$ 1,7 bilhão, o que representa 24,84% dos gastos não obrigatórios (discricionários) e 3,43% do orçamento total das federais. Mas esse percentual pode variar conforme o orçamento de cada universidade. Na Ufes, o corte foi de 33% nos gastos não obrigatórios.

► Na Ufes

O contingenciamento de 33% nos gastos não obrigatórios ocorreu em cima dos R\$ 99,4 milhões de custeio, capital e emendas parlamentares, resultando na queda de R\$ 33,2 milhões para as despesas de manutenção, já que não é possível cortar no pagamento de pessoal. Ainda pode ser afetada pelo corte de bolsas de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



Em São Paulo, a pista da Avenida Faria Lima, no Largo do Batata, foi fechada pelos manifestantes, que abriram uma bandeira gigante



Milhares de pessoas fizeram caminhada da Candelária até a Cinelândia, no Rio



Em Brasília, passeata foi até o Ministério da Educação



Manifestantes na Praça da República, em Belém (PA)



Em Curitiba, no Paraná, estudantes e professores foram às ruas mesmo com chuva

MEC incentiva denúncia de protestos

« O Ministério da Educação (MEC) divulgou nota, ontem, para incentivar que sejam denunciadas "professores, servidores, funcionários, alunos, pais e responsáveis" que divulguem ou estimulem protestos durante o horário escolar. Até a noite de ontem, 41 denúncias de suposta coação de professores e alunos a participarem

dos atos já haviam sido feitas à ouvidoria da pasta e nas redes sociais do ministério. O posicionamento do MEC foi criticado por entidades estudantis e políticos.

Em nota, a pasta afirmou que "instituições de ensino públicas não podem promover movimentos políticos" e que, caso a população identifique a "promoção de

eventos desse cunho", deveria fazer a denúncia para a ouvidoria. O MEC não divulgou exemplos das supostas irregularidades apontadas nas denúncias. A pasta diz que a "manifestação é direito de qualquer cidadão brasileiro", mas aponta que "condena práticas de coação para que estudantes e professores participem de

eventos dessa natureza".

A União Nacional dos Estudantes (UNE) rebateu dizendo que não há coação. "O que a gente vê nas manifestações é justamente o contrário. São pais, estudantes e professores que, na sua livre oportunidade de se manifestar, foram às ruas", disse Bruna Brelaz, diretora de Relações Institucionais da UNE.

Em reação, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) informou que o partido vai ingressar com um mandado de segurança, na segunda-feira, no STJ, contra este anúncio do Ministério da Educação. O PSOL protocolou representação contra o ministro Abraham Weintraub, na Procuradoria Geral da República (PGR).